

## «««TRIBUNA DO VATE»»»



**Rosa Lobato de Faria** nasceu em Lisboa em Abril de 1932. Poetisa e romancista, o essencial da sua poesia está reunido no volume Poemas Escolhidos e Dispersos, de 1997. O seu primeiro romance, O Pranto de Lúcifer, veio a público em 1995. Seguiram-se-lhe Os Pássaros de Seda (1996), Os Três Casamentos de Camilla S. (1997), Romance de Cordélia (1998), O Prenúncio das Águas (1999), A Trança de Inês (2001), O Sétimo Véu (2003), Os Linhos da Avó (2004), A Flor do Sal (2005), A Alma Trocada (2007), A Estrela de Gonçalo Enes (2007) e As Esquinas do Tempo (2008). É também autora de diversos livros infantis. Está traduzida em Espanha, França e Alemanha e representada em várias colectâneas de contos, em Portugal e no estrangeiro. É também conhecida do grande público como actriz de televisão e cinema. Em 2000, obteve o Prémio Máxima de Literatura. Faleceu a 2/02/2010

Fontes: <http://www.wook.pt/authors/detail/id/22967>

**Um Poema por dia...**

...de Rosa Lobato de Faria

**Imaginação**

A imaginação é magia e é arte  
que nos faz inventar, sonhar e viajar.  
Com imaginação podemos ir a Marte  
ou ao centro da Terra, ou ao fundo do mar.

Com imaginação nunca estamos sozinhos.  
A imaginação é um voo, um lugar  
onde temos amigos, onde há outros caminhos  
nos quais, sem te mexeres, podes ir passear.

Inventa uma cantiga, um poema, um desenho  
um arco-íris, um rio por entre malmequeres;  
esse lugar é teu, sem limite ou tamanho.  
A esse teu lugar, só vai quem tu quiseres.

**Dois poemas de Rosa Lobato Faria**

I

Primeiro a tua mão sobre o meu seio.  
Depois o pé – o meu – sobre o teu pé.  
Logo o roçar ardente do joelho  
E o ventre mais à frente na maré.

É a onda do ombro que se instala.  
É a linha do dorso que se inscreve.  
A mão agora impõe, já não embala  
Mas o beijo é carícia, de tão leve.

O corpo roda: quer mais pele, mais quente.  
A boca exige: quer mais sal, mais morno.  
Já não há gesto que se não invente  
Ímpeto que não ache um abandono.

Então já a maré subiu de vez.  
É todo o mar que inunda a nossa cama.  
Afogados de amor e de nudez  
Somos a maré alta de quem ama.

Por fim o sono calmo, que não é  
Senão ternura, intimidade, enleio:  
O meu pé descansando no teu pé,  
A tua mão dormindo no meu seio.

II

Afirmas que brigamos. Que foi grave.  
Que o que dissemos já não tem perdão.  
Que vais deixar aí a tua chave  
E vais à cave içar o teu malão.

Mas como destrinçar os nossos bens?  
Que livro? Que lembranças? Que papel?  
Os meus olhos, bem vês, és tu que os tens.  
Não te devolvo – é minha – a tua pele.

Achei ali um sonho muito velho,  
Não sei se o queres levar, já está no fio.  
E o teu casaco roto, aquele vermelho  
Que eu costume vestir quando está frio?

E a planta que eu comprei e tu regavas?  
E o sol que dá no quarto de manhã?  
É meu o teu cachorro que eu tratava?  
É teu o meu canteiro de hortelã?

A qual de nós pertence este destino?  
Este beijo era meu? Ou já não era?  
E o que faço das praias que não vimos?  
Das marés que estão lá à nossa espera?

Dividimos ao meio as madrugadas?  
E a falésia das tardes de Novembro?  
E as sonatas que ouvimos de mãos dadas?

De quem é esta briga? Não me lembro.

**O tempo**

"O tempo tem aspectos misteriosos:  
Um ano passa a toda a velocidade,  
E um minuto, se estamos ansiosos  
Parece, às vezes, uma eternidade.

Um dia ou é veloz ou pachorrento  
-depende do que está a acontecer-  
O tempo de estudar, pode ser lento.  
O tempo de brincar, passa a correr.

E aquela terrível arrelia  
Que até te fez chorar, por ser tão má,  
deixa passar o tempo. Por magia,  
Quando olhamos para trás, já lá não está. "

